



intrínseca

o PAÍS
dos OUTROS

Leïla Slimani

Autora de *Canção de ninar*

O PAÍS
dos OUTROS
Leïla Slimani

Tradução de Dorothée de Bruchard



Copyright © Éditions Gallimard, 2020

TÍTULO ORIGINAL
Le pays des autres

COPIDESQUE
Luisa Tieppo
Vera Siqueira

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Juliana Borel

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA
Lázaro Mendes

IMAGEM DE CAPA
Giorgio Cravero | *Arancia*, projeto Colors, 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S642p

Slimani, Leïla, 1981-
O país dos outros / Leïla Slimani ; tradução Dorothée de Bruchard.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
21 cm.

Tradução de: *Le pays des autres*
ISBN 978-85-510-1035-8

1. Romance francês. I. Bruchard, Dorothée de. II. Título.

24-88046

CDD: 843

CDU: 82-31(44)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

LIVRO I

Guerra,
guerra,
guerra

*À memória de Anne e Atika,
cuja liberdade não cessa de me inspirar.*

À minha adorada mãe.

A maldição desta palavra: mestiçagem, registremo-
-la na página em letras garrafais.

ÉDOUARD GLISSANT
L'Intention poétique

I

Na primeira vez que visitou a fazenda, Mathilde pensou: *É muito longe*. Tamanho isolamento a preocupava. Não tinham carro nessa época, 1947, e percorreram os vinte e cinco quilômetros que os separavam de Meknès numa velha carroça conduzida por um cigano. Amine não se importava com o desconforto do banco de tábua nem com a poeira que fazia a esposa tossir. Só tinha olhos para a paisagem e se mostrava impaciente por chegar às terras que o pai lhe confiara.

Em 1935, após anos de labuta como tradutor no exército colonial, Kadour Belhaj comprara aqueles hectares de terra pedregosa. Contara ao filho sobre a esperança que tinha de transformá-los numa próspera propriedade agrícola capaz de alimentar gerações de Belhaj. Amine se lembrava do olhar do pai, da voz que não hesitava enquanto expunha os planos para a fazenda. Acres de vinhas, explicara ele, e hectares inteiros reservados aos cereais. Na parte mais ensolarada da colina, teriam de construir uma casa, cercada de árvores frutíferas e fileiras de amendoeiras. Kadour tinha orgulho de ser dono daquela terra. “Essa terra é nossa!”, pronunciava essas palavras não ao modo dos nacionalistas ou dos colonos, em nome de princípios morais ou de um ideal, mas como um proprietário feliz com o que é seu por direito. O velho Belhaj

queria ser enterrado ali, e que ali fossem enterrados também os filhos dele; que aquela terra o alimentasse e abrigasse sua última morada. No entanto, morreu em 1939, no momento em que o filho, alistado no Regimento dos Spahis, envergava orgulhosamente o albornoz e o saruel. Antes de partir para o *front*, Amine, primogênito e agora chefe de família, alugara a propriedade para um francês originário da Argélia.

Quando Mathilde perguntou do que tinha morrido esse sogro que não conhecera, Amine levou a mão à barriga e meneou a cabeça em silêncio. Passado um tempo, Mathilde descobriu o que acontecera. Desde que retornara de Verdun, Kadour Belhaj padecia de dores abdominais crônicas que nenhum curandeiro marroquino ou europeu conseguira aliviar. Ele, que se gabava de ser um homem racional, orgulhoso da educação e do talento que tinha para línguas estrangeiras, arrastara-se, cheio de vergonha e desespero, até o porão de uma *chuafa*. A bruxa tentara, em vão, convencê-lo de que estava enfeitado, de que alguém queria o mal dele e de que aquela dor era obra de um temível inimigo. Dera-lhe um papel dobrado em quatro contendo um pó amarelo-açafrão. Naquela mesma noite, ele tomara o remédio diluído em água e falecera poucas horas depois, em meio a um sofrimento atroz. A família não gostava de falar do assunto. Tinham vergonha da ingenuidade do pai e das circunstâncias da morte dele, pois o venerável oficial esvaziara as entranhas no pátio interno da casa, a djelaba branca encharcada de merda.

Nesse dia de abril de 1947, Amine sorriu para Mathilde e apressou o carroceiro, que esfregava os pés descalços e sujos um no outro. O camponês chicoteou a mula com mais força e Mathilde sobressaltou-se. A violência do cigano a revoltava. Ele estalava a língua, “ra”, e açoitava o lombo esquelético do animal. Era primavera, e Mathilde estava grávida de dois meses. Os campos estavam cobertos de calêndulas, malvas e

borragens. Um vento fresco balançava os caules dos girasóis. Dos dois lados da estrada ficavam as propriedades de colonos franceses, ali estabelecidos havia vinte, trinta anos e cujas plantações se estendiam no horizonte em suave declive. Vinham, em sua maioria, da Argélia, e a eles as autoridades haviam concedido as melhores e mais extensas terras. Amine esticou um braço e pôs a outra mão, em concha, na testa, para proteger os olhos do sol do meio-dia e contemplar a vastidão que se descortinava diante dele. Apontando o dedo, mostrou à mulher a fileira de ciprestes que circundava a propriedade de Roger Mariani, o qual fizera fortuna na produção de vinho e na criação de porcos. Da estrada, não se enxergava a casa principal, nem mesmo os acres de vinhas. Entretanto, não era difícil para Mathilde imaginar a riqueza daquele fazendeiro, riqueza que a enchia de esperança quanto ao futuro dela própria. A paisagem, de uma beleza serena, recordava-lhe a gravura pendurada acima do piano na casa do seu professor de música, em Mulhouse. Lembrou-se da explicação que ele dera: “Isso fica na Toscana. Quem sabe um dia a senhorita conhecerá a Itália.”

A mula parou e começou a pastar a grama que crescia à beira do caminho. Não tinha intenção nenhuma de galgar a subida que lhe avultava à frente, coberta de grandes pedras brancas. Furioso, o carroceiro se aprumou e encheu o animal de insultos e açoites. Mathilde sentiu os olhos marejarem. Tentou se conter e se aninhou junto ao marido, que achou aquela manifestação de afeto inoportuna.

— O que foi? — perguntou Amine.

— Peça a ele que pare de bater na pobre da mula.

Mathilde pousou a mão no ombro do cigano e olhou para ele tal qual criança tentando acalmar um genitor furioso. O carroceiro, no entanto, redobrou a violência. Cuspiu no chão, ergueu o braço e perguntou:

— Quer levar uma chicotada também?

Mudaram os ânimos e também a paisagem. Chegaram ao alto de uma colina de vertentes áridas. Já não havia flores nem ciprestes, só umas poucas oliveiras subsistindo em meio às pedras. Emanava daquela colina uma sensação de esterilidade. Ali já não era a Toscana, pensou Mathilde; era o faroeste. Desceram da carroça e foram andando até uma pequena habitação branca e sem charme, que tinha por telhado uma reles chapa metálica. Não se tratava de uma casa, e sim de uma sumária fileira de cômodos pequenos, escuros e úmidos. A única janela, situada bem no alto para prevenir a invasão de pragas, deixava passar uma luz parca. Nas paredes, Mathilde notou grandes círculos esverdeados causados pelas últimas chuvas. O antigo inquilino morava sozinho; a esposa tinha voltado para Nîmes depois de perder um filho, e ele nunca cogitara fazer daquela construção um lugar caloroso, passível de acolher uma família. Apesar do tempo ameno, Mathilde sentiu-se gelada. Os planos que Amine lhe contara enchiam-na de apreensão.

★

Experimentara esse mesmo desnorteio ao aterrissar em Rabat, no dia 1º de março de 1946. A despeito do céu extraordinariamente azul, da alegria de reencontrar o marido e do orgulho de ter escapado ao destino que lhe estava reservado, sentira medo. Havia passado dois dias viajando. De Estrasburgo para Paris, de Paris para Marselha, depois de Marselha para Argel, onde embarcou num velho Junkers e pensou que ia morrer. Sentada num banco desconfortável, em meio a homens de olhar cansado pelos anos de guerra, teve de se conter para não gritar. Durante o voo ela chorou, vomitou, rezou a Deus. O gosto de bile na boca se mesclava com o de sal. Estava

triste, não tanto com a ideia de morrer sobrevoando a África, mas, sim, com a de chegar com um vestido amarrotado e sujo de vômito na plataforma onde a esperava o homem de sua vida. Aterrissou, afinal, sã e salva, e Amine estava lá, mais bonito que nunca, sob um céu de um azul tão profundo que parecia ter sido lavado em água corrente. O marido a beijou no rosto, atento aos olhares dos demais passageiros. Segurou o braço direito dela de um modo que era a um só tempo sensual e ameaçador. Parecia querer controlá-la.

Pegaram um táxi e Mathilde se apertou contra o corpo de Amine, que ela sentia, enfim, tenso de desejo, faminto por ela. “Nós hoje vamos dormir num hotel”, anunciou ele, dirigindo-se ao motorista, e, para provar sua moralidade, acrescentou: “É minha mulher. Acabamos de nos reencontrar.” Rabat era uma cidade pequena, branca e ensolarada, de uma elegância que surpreendeu Mathilde. Ela contemplou, maravilhada, as fachadas *art déco* dos edifícios do centro e grudou o nariz no vidro para observar melhor as lindas mulheres que desciam a avenida Lyautey, luvas combinando com os sapatos e o chapéu. Por toda parte havia obras, prédios em construção diante dos quais homens maltrapilhos pediam trabalho. Ali, freiras caminhavam ao lado de duas camponesas que levavam um feixe de lenha às costas. Uma menininha de cabelo curto ria, montada num burro puxado por um homem negro. Pela primeira vez na vida, Mathilde respirava o ar salgado do Atlântico. A luz esmoreceu e se fez mais rosada e aveludada. Ela estava com sono, e já ia deitando a cabeça no ombro do marido quando este anunciou que tinham chegado.

Não saíram do quarto durante dois dias. Ela, tão curiosa quanto às pessoas e ao mundo lá fora, recusou-se a abrir as venezianas. Não se cansava das mãos de Amine, da boca, do cheiro da pele dele, que, agora entendia, tinha a ver com o

ar daquele país. Ele exercia sobre ela um verdadeiro feitiço, e Mathilde implorava que ficasse dentro dela o máximo de tempo possível, até para dormir, até para conversar.

Dizia a mãe de Mathilde que o sofrimento e a vergonha eram o que reavivava a memória de nossa condição animal. Sobre aquele prazer, porém, nunca ninguém tinha lhe falado. Durante a guerra, nas noites de desolação e tristeza, Mathilde se masturbava na cama gelada do seu quarto, no andar de cima. Quando soava o alarme anunciando as bombas, assim que se ouvia o ronco de um avião, Mathilde corria, não por sua sobrevivência, mas para saciar seu desejo. Sempre que sentia medo, subia para o quarto, cuja porta não tinha trinco, mas ela pouco ligava se alguém a visse. De qualquer forma, as pessoas gostavam de ficar agrupadas nas tocas ou nos porões, queriam morrer juntas, como bichos. Deitar-se na cama e gozar era o único meio de acalmar o medo, de controlá-lo, de ter algum poder sobre a guerra. Estendida nos lençóis sujos, pensava nos homens que, em toda parte, atravessavam planícies, armados com fuzis, homens privados de mulheres, assim como ela estava privada de homem. E enquanto ia apertando o sexo, imaginava a imensidão daquele desejo insaciado, daquela fome de amor e posse que acometera a terra inteira. A ideia daquela lascívia infinita a mergulhava num estado de êxtase. Jogava a cabeça para trás e, revirando os olhos, imaginava legiões de homens vindo até ela, tomando-a, agradecendo-lhe. Medo e prazer se confundiam, e nos momentos de perigo aquele era sempre o primeiro pensamento que lhe ocorria.

Ao fim de dois dias e duas noites, Amine, morto de sede e de fome, teve quase que arrancá-la da cama para Mathilde aceitar ir sentar-se a uma mesa no terraço do hotel. E mesmo ali, enquanto o vinho lhe aquecia o coração, ela pensava no lugar que Amine, dali a pouco, voltaria a preencher entre suas coxas. O marido, porém, assumiu um ar sério. Devorou

metade de um frango com as mãos e quis falar sobre o futuro. Não voltou com ela para o quarto e se scandalizou com a sugestão de uma sesta. Ausentou-se várias vezes para telefonar. Quando ela perguntou com quem estivera falando e quando iriam embora de Rabat e do hotel, ele se mostrou bastante vago. “Vai dar tudo certo”, dizia, “vou resolver tudo”.

Após uma semana, num dia em que Mathilde passara a tarde sozinha, Amine entrou no quarto nervoso, contrariado. Mathilde o cobriu de carícias e se sentou no colo dele. Ele deu um gole na cerveja que ela lhe servira e disse:

— Tenho uma má notícia. Vamos ter de esperar uns meses para nos instalarmos na nossa propriedade. Falei com o inquilino, e ele se recusa a deixar a fazenda antes do fim do contrato. Tentei ver um apartamento em Meknés, mas ainda há muitos refugiados na cidade e não se acha nada para alugar a um preço razoável.

Mathilde ficou desconcertada.

— O que vamos fazer, então?

— Até lá, vamos morar na casa da minha mãe.

Mathilde levantou-se de um salto e começou a rir.

— Está falando sério?

Parecia achar a situação ridícula, hilariante. Como é que um homem como Amine, um homem capaz de possuí-la como ele o fizera naquela noite, queria que ela acreditasse que iam morar com a mãe dele?

Mas Amine não viu graça. Permaneceu sentado, para não ter que sustentar a diferença de altura entre ele e a mulher. Com voz gélida e fitando o piso de granito, afirmou:

— Aqui é assim.

Ela ainda iria ouvir essa frase muitas vezes. Naquele instante preciso, compreendeu que era uma estrangeira, uma mulher, uma esposa, uma criatura à mercê das outras. Amine agora estava no território dele, era ele quem ditava as regras

e o rumo a seguir, traçava os limites do pudor, da vergonha e do decoro. Na Alsácia, durante a guerra, ele era um estrangeiro, um homem de passagem que tinha de se manter discreto. Quando o conheceu, no outono de 1944, fizera-lhe as vezes de guia e protetora. O regimento de Amine estava estacionado no vilarejo em que ela morava, a poucos quilômetros de Mulhouse, e tivera de aguardar vários dias as ordens de avançar para leste. De todas as moças que cercaram o jipe no dia em que eles chegaram, Mathilde era a mais alta. Tinha ombros largos e panturrilhas de garoto. Os olhos dela eram verdes como a água das fontes de Meknés, e ela não os tirava de Amine. Na longa semana em que ele permaneceu no vilarejo, ela passeou com ele, apresentou-lhe os próprios amigos e lhe ensinou jogos de baralho. Ele era um bom palmo mais baixo que ela e tinha a pele mais escura que se possa imaginar. Era tão bonito que ela temia que o roubassem. Medo de que fosse uma ilusão. Nunca sentira algo assim. Nem pelo professor de piano, quando tinha 14 anos. Nem pelo primo Alain, que enfiava a mão sob o vestido dela e roubava cerejas para ela à beira do Reno. Mas ali, na terra dele, sentiu-se indefesa.

★

Três dias depois, subiram num caminhão cujo motorista aceitara levá-los a Meknés. Mathilde ficou enjoada com o cheiro do caminhoneiro e o mau estado da estrada. Por duas vezes, tiveram de parar no acostamento para ela vomitar. Pálida e exausta, olhos fitos numa paisagem em que não via sentido nem beleza, Mathilde foi tomada pela melancolia. *Faça com que este país não me seja hostil*, pensou consigo. *Será que, um dia, este mundo me será familiar?* Já anoitecera quando chegaram a Meknés, e uma chuva forte e gelada fustigava o para-brisa do caminhão.

— Está muito tarde para lhe apresentar a minha mãe — explicou Amine. — Vamos dormir no hotel.

A cidade pareceu-lhe escura e inóspita. Amine explicou a ela sobre a topografia, que atendia aos princípios enunciados pelo marechal Lyautey no início do protetorado. Uma estrita separação entre a medina, cujos costumes ancestrais deviam ser preservados, e a cidade europeia, cujas ruas tinham nomes de cidades francesas e se pretendia um laboratório da modernidade. O caminhoneiro os deixou na parte baixa, na margem esquerda do uádi Boufakrane, à entrada da cidade autóctone. Ali vivia a família de Amine, no bairro do Berrima, bem em frente ao Mellah. Entraram num táxi para ir ao outro lado do rio. Seguiram por uma longa estrada em aclave, contornaram quadras esportivas e atravessaram uma espécie de zona tampão, um *no man's land* que dividia a cidade ao meio e onde era proibido construir. Amine lhe mostrou Camp Poublan, a base militar que dominava a cidade árabe e vigiava os mínimos sobressaltos que pudesse haver.

Hospedaram-se num hotel decente e o recepcionista examinou os documentos dos dois e a certidão de casamento com precauções de burocrata. Por pouco não irrompeu uma discussão na escada que levava ao quarto, porque o mensageiro teimava em falar em árabe com Amine, que se dirigia a ele em francês. O adolescente lançou olhares dúbios para Mathilde. Ele, que à noite tinha de apresentar um papelzinho às autoridades para atestar seu direito de andar pelas ruas da cidade nova, ressentia-se por Amine dormir com a inimiga e circular livremente. Assim que pousaram a bagagem no quarto, Amine vestiu novamente o casaco e o chapéu.

— Vou dar um alô para minha família. Não demoro. — Nem deu tempo de a mulher responder, bateu a porta e ela o ouviu correr escada abaixo.

Mathilde sentou-se na cama, pernas puxadas junto ao peito. O que estava fazendo ali? Só podia culpar a si mesma e à sua vaidade. Fora ela quem quisera viver aquela aventura, quem embarcara, bravateira, naquele casamento de que todas as amigas de infância invejavam o exotismo. E agora estava exposta a todo tipo de zombaria, todo tipo de traição. Amine podia ter ido se encontrar com uma amante. Podia até já ser casado, uma vez que, como observara o pai dela com um muxoxo constrangido, os homens ali eram polígamos. Podia estar jogando baralho em algum bar próximo, rejubilando-se com os amigos por ter dado um drible na esposa sufocante. Ela desatou a chorar. Sentia vergonha por ceder ao pânico, mas já anoitecera e ela não sabia onde estava. Se Amine não voltasse, estaria totalmente perdida, sem dinheiro, sem amigos. Não sabia nem o nome da rua em que estavam hospedados.

Estava ali desganhada, rosto vermelho e desfeito, quando Amine chegou, pouco antes da meia-noite. Ela levou um tempo para abrir a porta, tremia, e ele achou que alguma coisa tinha acontecido. Mathilde se jogou nos braços dele e tentou explicar o medo, a nostalgia, a angústia insana que tomara conta dela. Ele não entendia, e o corpo da mulher, agarrado ao dele, pareceu-lhe extremamente pesado. Ele a puxou para a cama e sentaram-se os dois, lado a lado. Amine tinha o pescoço molhado de lágrimas. Mathilde se acalmou, a respiração ficou mais lenta e ela fungou várias vezes, até que Amine lhe ofereceu um lenço que levava escondido na manga. Acariciou-lhe as costas devagar e disse:

— Não banque a criança. Você agora é minha mulher. Sua vida é aqui.

Dois dias depois, instalaram-se na casa do Berrima. Nas ruelas estreitas da cidade velha, Mathilde se agarrou ao braço do marido, tinha medo de se perder naquele labirinto onde se apinhava uma multidão de comerciantes, onde os comercian-

tes de legumes vendiam seus produtos aos berros. Atrás da pesada porta cravejada da casa, a família a esperava. A mãe, Mouilala, estava em pé no centro do pátio interno. Usava um elegante caftan de seda e um lenço verde-esmeralda cobria-lhe o cabelo. Tinha tirado, para a ocasião, antigas joias de ouro do seu baú de cedro: tornozeleiras, um broche gravado e um colar tão pesado que o corpo franzino se curvava um pouco para a frente. Quando o casal entrou, ela correu para abraçar o filho e o abençoou. Sorriu para Mathilde, a qual segurou-lhe as mãos e contemplou o bonito rosto bronzeado entre as dela, as faces levemente enrubescidas. “Ela disse ‘Bem-vinda’”, traduziu Selma, a irmã caçula que acabara de fazer 9 anos. Atrás dela estava Omar, um adolescente magro e calado, que manteve os olhos baixos e as mãos atrás das costas.

Mathilde teve de se habituar àquela vida amontoada uns sobre os outros, àquela casa em que os colchões eram infestados de percevejos e insetos danosos, em que não havia como se proteger dos ruídos corporais e dos roncos. A cunhada entrava em seu quarto sem avisar e se jogava em cima da cama, repetindo as poucas palavras em francês que aprendera na escola. À noite, Mathilde ouvia os gritos de Jalil, o irmão mais novo, que vivia trancado no andar de cima, na exclusiva companhia de um espelho que ele nunca perdia de vista. Fumava *sebsi* o tempo todo, e o cheiro de haxixe se espalhava pelo corredor e a atordoava.

Hordas de gatos arrastavam, o dia inteiro, seus vultos esqueléticos pelo pequeno jardim interno, onde uma bananeira coberta de pó lutava para não morrer. No fundo do pátio havia um poço, de onde a empregada, uma antiga escravizada, puxava água para a limpeza. Dissera-lhe Amine que Yasmine vinha da África, de Gana, talvez, e que Kadour Belhaj a comprara para a esposa no mercado de Marrakech.

Inspirada na história da família, vencedora do prêmio Goncourt aborda em novo romance temas como colonização, racismo, diversidade religiosa e as dificuldades enfrentadas por mulheres

Durante a Segunda Guerra Mundial, Mathilde, uma jovem alsaciana espirituosa, se apaixona por Amine, um belo soldado marroquino do exército francês. Após a guerra, o casal se instala no Marrocos, em Meknés, uma cidade militarizada e com forte presença de colonos franceses. Enquanto Amine se dedica à lavoura e tenta trabalhar as terras rochosas e ingratas herdadas do pai, Mathilde rapidamente se sente sufocada pelo clima e pela cultura do novo país, tão diferente da sua.

Sozinha e isolada na fazenda com os dois filhos que o casal vem a ter, ela sofre com a desconfiança que inspira como estrangeira e com a falta de dinheiro. A vida difícil, marcada por tensões sociais e religiosas e pouco lazer, torna os dias penosos, mesmo no seio familiar. Até que, diante da incerteza sobre os resultados do trabalho árduo do marido e cansada de se sentir oprimida, Mathilde tenta encontrar meios de se envolver na nova comunidade.

O país dos outros cobre dez anos dessa história turbulenta e sensível, um período que coincide com a ascensão inevitável dos conflitos e da violência que levaram, em 1956, à independência do Marrocos. Ambientado nesse cenário fervilhante, os personagens deste romance constantemente se debatem com o fato de todos se encontrarem “no país dos outros”: franceses, marroquinos, soldados, camponeses e exilados. Sobretudo as mulheres, que vivem na terra dos homens e precisam lutar pela própria emancipação.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/o-pais-dos-outros/>